

para uma literatura infantil real e humana

por - LIMA CARVALHO

DE todas as literaturas, a infantil é a que menos tem evoluído, a que se tem mantido sempre presa aos mesmos moldes, sujeita às mesmas características, variando cada obra apenas pelo que há de pessoal, de individual nos autores, mas caminhando todas dentro dos mesmos limites.

Um livro de hoje é igual ao publicado há um século, não varia muito em relação às Fábulas de Fedro ou do senhor de La Fontaine, que continuam a dar o tom, a marcar o passo da literatura infantil. O mesmo maravilhoso, os mesmos animais que falam, o bom e o mau sem gradações, a mesma moral e, sobretudo, o mesmo alheamento do real, do mundo, da vida.

Nunca o romance infantil se enquadrou na linha evolutiva da literatura em geral, ficando antes à parte, uma excepção aos problemas dos homens, um outro plano, um outro espaço. Trata-se dum escritor romântico ou dum realista? Pois bem, ao afiar o lápis abandona todas as suas concepções, para nos dar um conto com as mesmas fadas, para nos reeditar uma vez mais a história do lobo e do cordeiro, ou qualquer outra do mesmo género e nos mesmos moldes. Excepção feita a *Romain Rolland*, no «*Valmy*» ou a *Ilme*, continuam as fábulas! Parece que o maravilhoso é inseparável das crianças, que estas só poderão ler histórias, não compreenderão outros personagens senão os príncipes encantados. E, contudo, a situação da criança actual, o seu desenvolvimento, o seu contacto com a vida, permite e exige uma nova literatura.

Até um certo estado da evolução humana, a criança viveu circunscrita a um âmbito pequenissimo, no meio da família, dentro da sua povoação mais ou menos isolada, longe do resto do mundo, cercada da ignorância geral—uma população de analfabetos decididamente inclinados a crer em toda a espécie de mitos, bruxedos e maravilhas.

Um ambiente propenso à irrealidade, ao fabuloso, havia de criar a necessidade duma literatura também fabulosa e irreal. E assim aparecem e se transmitem, de boca em boca, de geração em geração, as lendas do Santo Graal, dos Santos Baraam e Josafat, todas essas histórias maravilhosas tão características que, prendendo os adultos, haviam também de atrair as crianças. Então, uma só literatura tinha de servir a todos.

Mas novas realidades económicas determinaram uma mudança profunda na vida dos homens—desenvolveram-se as comunicações e os povos puseram-se em contacto, desentrou-se a cultura greco-latina, a ciência progrediu e os mitos foram perdendo o interesse.

A burguesia ascendente criou então a sua literatura—o romance, cuja feitura não era do gosto das crianças, para quem a vida não se modificara tão radicalmente—presas ainda durante muito tempo no mesmo círculo estreito—e às quais se continuava a impor, como uma necessidade, o mesmo maravilhoso que até aí servira a todos.

Estabeleceu-se deste modo a diferença entre literatura infantil e literatura para adultos, diferença cada vez mais vinculada pelos preconceitos, sempre tendentes a furtar aos jovens certos conhecimentos e a evitar que tivessem contacto com a literatura erótica.

Por fim, o desenvolvimento das ciências e sobretudo das ciências pedagógicas, veio mostrar a necessidade duma cultura infantil distinta e pôs-se cientificamente o problema da literatura infantil, fácil e compreensível. Chegou-se à fase de completa cisão, de distinção absoluta, oposta àquela outra em que as condições do meio social só permitiam uma literatura. Simplesmente, a burguesia que criara o romance e o

desenvolvera, não pôs senão esporadicamente a questão do livro para crianças e todas as obras deste género foram seguindo o velho ritmo, o velho processo do maravilhoso, sem que se atendessem à evolução, às transformações operadas e que, arrastando a juventude para um novo campo, lhe fizeram perder o gosto do irreal.

Com efeito, as crianças que, durante tanto tempo, viveram num ambiente acanhado, sem ligações com o mundo, foram pouco a pouco conduzidas para a vida, para o contacto social pela democratização da cultura, pelos progressos da técnica, as transformações políticas, enfim, por todas as mudanças devidas a um novo sistema económico em pleno desenvolvimento.

A vulgarização do ensino pôs lado a lado os filhos do camponês, do operário, do burguês médio e obrigou-os a uma convivência efectiva. A técnica, facilitando as comunicações, permitiu que se deslocassem sem perigos e a preços módicos, consentindo assim que os seus olhos vissem a montanha ou a planície, o rio ou o mar, a cidade ou o campo. Depois, o jornal, a T. S. F., o cinema, puseram-nas em contacto com todo o mundo, com todas as manifestações humanas, quebrando em definitivo a estreiteza dos seus horizontes antigos, dissipando-lhe as trevas, criando-lhe condições de compreensão, de análise, dum desenvolvimento já incompatível com todos os mitos.

As crianças ficaram prontas a compreender a vida, mas as realidades económicas obrigaram-nas também a senti-la, a vivê-la verdadeiramente.

As corporações da Idade-Média que proibiam o trabalho infantil, desapareceram já há muito. Agora, pelo contrário, com o desenvolvimento crescente da indústria, com a procura da mão de obra, elas são chamadas a trabalhar e veem-se assim na oficina, na rua, com os adultos, sofrendo com eles, vivendo como eles. Todas ouvem os relatos das tragédias de hoje. Compreendem-nas a seu modo, mas vivem-nas em toda a sua realidade, firmam-se dentro dum realismo que se incompatibilizou definitivamente com o maravilhoso, com todos os contos de fadas.

As condições que durante alguns séculos colocaram a juventude num outro plano, num outro espaço diferente do habitado pelos adultos e que não só permitiam, como exigiam uma literatura fabulosa, modificaram-se por completo. Os literatos porém cristalizaram e daí o divórcio manifesto entre os jovens e os seus autores, que mutuamente se desconhecem, que mutuamente se procuram em vão.

Só um certo género de literatura começa, levado pelas circunstâncias, a obedecer às exigências impostas pelas crianças—o jornal infantil, que vive dum público de miúdos. Para vender as suas tiragens, tem de pôr-se de acordo com os gostos dos seus leitores e, por isso mesmo, vai substituindo os contos de fadas por histórias de *cow-boys*, por histórias vivas, realistas. Simplesmente estes jornais, obedecendo só aos interesses mercantis, tendo de pôr de lado as razões pedagógicas, para atender primeiro às do lucro, exploram o que nos desejos dos jovens há de real, de truculento, de gosto degenerado, sem atenderem à função eminentemente educativa da literatura infantil.

As crianças exigem novos livros, simples, vivos, reais que estejam de acordo com as condições sociais, com o seu desenvolvimento, com as suas novas possibilidades. Um novo conto, um novo romance que lhes expliquem a vida, sem dureza mas com verdade, enfim, uma nova literatura—interessada e humana.

Curso de Redacção e Estilo

Dirigido pelo antigo professor dos liceus e da Universidade, **Dr. M. Rodrigues Lapa**. Uma iniciativa cultural de elevado alcance, destinada a promover o ensino racional e científico do português falado e escrito, por meio da correspondência. A todos serve, novos e velhos, desde o operário até ao bacharel. Preparação intensiva para concursos, trabalhos especiais e provas públicas.

Pedir o prospecto explicativo, grátis e sem compromisso, ao
Centro de Estudos por Correspondência
Rua Newton 3 - LISBOA

sol nascente

“Livraria PORTUGALIA,”

75, Rua do Carmo - LISBOA

LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Sempre as melhores novidades de Obras Literárias, Arte, Medicina, História, Direito, Economia, tanto nacionais como estrangeiras.

Serviço rápido de encomendas para todos os países da Europa e da América
Informações Bibliográficas sobre todos os assuntos

Fornecimento de livros para o Continente, Ilhas e Colónias.

Dir jam os seus pedidos à “PORTUGALIA,”
75, Rua do Carmo - LISBOA: Telefone, 2 091

quinz?